Rev. Bras. Psicanál., vol. 38 (2): 259-269, 2004

*O bar no deserto. Simetria e assimetria no tratamento de adolescentes difíceis**

Stefano Bolognini**, Bologna

O autor considera a oportunidade de uma alternância adequada de momentos de simetria e de assimetria na relação analítica (que precisa ser mantida, porém, dentro da moldura clássica de assimetria) para facilitar o trabalho e permitir interpretações com um analisando que, em geral, está assustado com a dependência, é hostil aos representantes superegóicos, tem necessidade de uma contenção não declarada e de uma contribuição de base para a coesão do self, *como é o paciente adolescente.*

A história clínica narrada ilustra esse modo específico de trabalhar, bem diferente do modo comumente adotado na análise de pacientes adultos.

O analista precisa ser capaz, por exemplo, às vezes por um longo período, de renunciar a interpretações muito freqüentes ou brilhantes que ressaltariam a superioridade do adulto, coisa que um paciente adolescente dificilmente poderia tolerar.

O tratamento analítico do paciente adolescente comporta muitas vezes o problema específico de precisar dosar, de modo tolerável e progressivo, a experiência do reconhecimento e do contato com o "Outro" durante as sessões: o analista muitas vezes está às voltas com um interlocutor particularmente assustado pela dependência (Novick, 1992; Ruggiero, 2002) e pela sua emergência pulsional pouco governável (Laufer, M. e E., 1984); hostil aos representantes do superego (Bolognini, 2001) e propenso a basear a afirmação de si mesmo por meio de uma típica "patologia da peremptoriedade" (Gomez e Tebaldi, 2004); um interlocutor que tem necessidade de uma contenção não explicitada e não ofensiva no plano narcísico, mas sólida e operante, e que precisa também de uma contribuição fundamental à precária coesão do *self*, durante a descoberta perturbadora de suas vicissitudes instintivas e identitárias (Busato, 2001). Essas vicissitudes estão temporariamente desnorteadas por agitações que tornam o próprio adolescente – como resultado da mudança da relação entre ego e id – comparável a um veículo utilitário dotado de chassi, freios, câmbio e pneus muito modestos sobre os quais foi montado, sem mais nem menos, o motor de uma Ferrari.

Sabe-se que os adolescentes tendem a fazer interrupções repentinas do tratamento (Laufer, Bronstein, Flanders, 2001; Nicolò, 2001); a fazer uso maciço de cisões e a recorrer ao impulsivo *acting out* (Jeammet, 2001).

* Trabalho apresentado no 43rd IPA Congress: "Working at the Frontiers". New Orleans, 2004, no painel: "Setting and Interpretation in the Adolescent's Analysis"

** Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.

O analista pode lidar de modo balanceado com essa situação delicada e complexa, realizando uma alternância sensível entre concordância e complementaridade na própria organização interna e externa durante o tratamento, utilizando as similaridades (às vezes bem pouco realísticas e, no mais das vezes, transferencialmente supostas e totalmente "criadas" pelo paciente) e explorando a transferência narcisística espontânea (Giaconia, 2000), mais do que dando ênfase ao exame de realidade das diferenças existentes entre os dois atores da cena analítica.

O material clínico que apresentarei evidencia esse modo específico de trabalhar que é bem diferente dos estilos de tratamento que são comumente adotados pelos analistas de pacientes adultos – pelo menos quanto ao uso quantitativo de alguns instrumentos técnicos.

A técnica precisa basear-se no reconhecimento e na aceitação das necessidades de espelhamento (*mirroring*), de ocasionais gemelaridades narcisicamente protetoras e da confirmação compartilhada das experiências emocionais, das idéias e perspectivas subjetivas do paciente, com a finalidade de criar um ambiente vivível em um regime de "dosagem do não-eu".

A constante e eticamente responsável organização assimétrica da relação de tratamento (Chetrit-Vatine, 2004) constitui a base de apoio a partir da qual podem se ramificar, de modo parcial e dirigido, momentos específicos de simetria experiencial que reconfortam o adolescente em relação à não preponderância do "não-eu", permitindo-lhe manifestar com mais facilidade seu fluxo associativo (que de outro modo se manteria segregado e secreto) ao analista e a ele mesmo.

No tratamento de um adolescente, até a feliz eventualidade de um "co-pensamento" (Widlöcher, 2003) pode se realizar com mais facilidade em um regime temporário de atenuação "suspensa" da diferença, do que tentando evidenciar essa diferença.

O estilo relacional requer, então, um tato especial não apenas na fase de *intake*, mas também nos sucessivos desenvolvimentos: por exemplo, não é raro que o analista precise renunciar, por longos períodos até, da produção de interpretações muito freqüentes e brilhantes que acabem por ressaltar implicitamente a insustentável superioridade do adulto que, muitas vezes, é difícil tolerar para o adolescente.

Ao mesmo tempo, o analista precisa evitar uma concordância interna excessiva com a subjetividade ego-sintônica do paciente, para poder manter, no pano de fundo, a percepção das partes cindidas do paciente e dos seus objetos internos (Bolognini, 2002).

As referências teóricas implicadas são necessariamente complexas e, em certa medida, transversais: não seria possível explorar essa temática sem recorrer a conceitos-chave como "duplo", "espelhamento", "transferência gemelar", "contratransferência concordante e complementar", "empatia" e "cisão".

A breve história clínica que apresentarei está permeada por essas constantes presenças teóricas que, acredito, virão naturalmente à mente do leitor durante a narração.

O bar no deserto

Foi enquanto tratava de adolescentes "difíceis" que muitas vezes me veio à mente a atmosfera de alguns bares que aparecem nos filmes *on the road*, dos anos 1970: os protagonistas (em geral jovens "alternativos" que viajam de moto ou em velhos automóveis, em uma dimensão sem tempo) atravessam intermináveis desertos norte-americanos, e nos lugares realmente mais incríveis encontram um barracão de madeira que é um bar, onde qualquer um pode aparecer.

São pontos de referência imprevistos, onde em geral há um garçom que tem a característica – no plano psicológico – de não se surpreender com nada: é "alguém que está lá", que vê os mais diversos personagens passarem e que quase não perde a linha quando as pessoas que entram no bar descarregam em cima do balcão as mais estranhas histórias humanas.

Esse tipo de garçom mantém a porta sempre aberta e acontece com freqüência que os personagens do filme passem por lá muitas vezes.

Alternam-se situações de muitos tipos: encontros, brigas, atmosferas persecutórias, alguém que está sendo perseguido, que é procurado pela polícia ou que está procurando alguém e assim por diante; mas o garçom continua firme, mantém seu bar aberto no deserto e é reservado, mas disponível.

O adolescente pode precisar desse tipo de interlocutor, porque muitas vezes não agüenta o peso das situações transferenciais fortes e conflituosas demais que ele mesmo ajudou a criar e que ainda não consegue conter nem elaborar ou comunicar a alguém que esteja muito próximo a ele ou que o conheça muito bem: naqueles momentos pode preferir um desconhecido que seja atento e participe com discrição, mas que saiba também propor-se – pelo menos por algum tempo – como um objeto "de passagem", que pode ser esquecido e que é capaz de tolerar, sem muitas pretensões, a ferida narcísica que um papel tão precário pode acarretar.

Alguém que dê a sensação de poder ser jogado fora e, talvez, recuperado em seguida, se for preciso. Alguém que não se coloque como protagonista da cena, ainda que na verdade possa fornecer pão e água a quem precisa, mas sempre sem assumir ares de quem está "concedendo" alguma coisa.

O garçom, de fato, é uma figura narcisicamente inofensiva. Ele é uma figura intermediária entre o objeto parental pleno e reconhecido, muito envolvido em uma colocação tópica superegóica e um objeto narcísico gemelar, um *selfobjeto*.

Essa última dimensão é aquilo que os garotos encontram nos *Mc Donalds*.

O *Mc Donalds* é um objeto que nega a separação e a dependência: não pode ser perdido nem pranteado, pois está em todos os lugares e, em todos os lugares, é igual.

Isso realiza a fantasia do "nutrimento narcísico" com um alimento uniformizado, produzido em série e sem história, dotado de outros "si mesmos" gemelares, todos vestidos do mesmo modo, com uniformes de cores vivas que indicam despreocupação, alegria e ausência de laços familiares (o "cosmopolitismo" está garantido pelo nome dos sanduíches em inglês).

Configura-se no *fast food* a alternativa hipomaníaca – em alguma medida fisiológica e necessária ao adolescente – de poder abrir mão das mães, avós e tias, figuras essas que se encontram representadas no pessoal mais diferenciado – mas mais modesto –, dos refeitórios escolares ou empresariais.

Os garotos têm a sensação – por meio de um espelhamento em jovens "uniformizados" que trabalham nos *fast-food* – de terem se apoderado da cozinha e de se administrarem sozinhos, exatamente na área de maior dependência originária do objeto, que é a nutritiva.

O garçom do bar no deserto é uma figura diferente; ele é, potencial e alternadamente, às vezes um outro no sentido de "não-eu", às vezes, um outro como *selfobjeto*. Nunca é protagonista.

Em algumas ocasiões, durante os primeiros anos de tratamento de adolescentes difíceis, tive a oportunidade de me colocar de modo semelhante ao daquele tipo de garçom (interior e exteriormente).

Constatei que era útil deixar fluir, de modo natural, uma alternância específica de momentos de simetria e de assimetria relacional, para fazer com que as interpretações amadurecessem em mim e para poder propô-las de modo mais aceitável a um interlocutor como o adolescente que, em geral, está assustado com a dependência, hostil em relação ao superego, precisando de uma contenção não explicitada e de uma contribuição substancial para a coesão do *self*.

A tendência bem conhecida dos adolescentes de abandonar repentinamente o tratamento, operando cisões maciças e atuando impulsivamente, pode ser contrabalançada por uma organização interna e externa do analista, que alterne concordância e complementaridade no contato empático, e por uma cuidadosa utilização das similaridades, mais do que dando ênfase às diferenças existentes entre os dois protagonistas da cena analítica.

Em alguns casos, a técnica de tratamento precisa basear-se na máxima tolerância das necessidades de espelhamento, de aparentes gemelaridades e de compartilhamento confirmativo das vivências e das perspectivas subjetivas do paciente.

As modalidades relacionais exigem um tato especial e a abstinência temporária de uma *performance* interpretativa por parte do analista, que não deve "roubar a cena" com interpretações brilhantes demais, o que exporia ao risco de ressaltar a superioridade do adulto de modo dificilmente tolerável pelo adolescente.

Ao mesmo tempo, o analista precisa evitar totalmente uma excessiva concordância interna com a subjetividade ego-sintônica do paciente, para manter-se perceptivo em relação às partes cindidas de seu mundo interno. Nesse aspecto, minha perspectiva é diferente das de muitos psicólogos do ego.

Material clínico

Lorenzo tem 17 anos e seu médico de família está em dúvida entre enviá-lo para uma conversa comigo e interná-lo no setor psiquiátrico, tal é a intensidade e a força de suas vivências persecutórias.

Segundo filho de um policial, ele se meteu em encrencas por causa de uma briga com violência corporal que teve com agentes da polícia, depois de um conflito entre torcidas de times de futebol. Mas esse fato recente não é o que mais preocupa. Os pais estão impressionados com seu isolamento, com a inacessibilidade que apresenta ao contato e com a presença evidente de pensamentos obsessivos em sua mente, sobre os quais, porém, não fala.

O médico que o envia para mim, me diz tudo isso pelo telefone.

Na primeira entrevista, Lorenzo logo se apresenta como um interlocutor agressivo e desconfiado, mantendo seus olhos pequenos e frios fixos nos meus, como se quisesse me espreitar e me controlar.

A meu pedido (primeiro e único real pedido que lhe farei por algum tempo) me diz alguma coisa sobre ele mesmo, com esforço e relutância, com evidente antipatia por mim e pela minha função. Noto que continuamente expele ar com força pelo nariz e esse tique, juntamente com a profunda expressão de ódio em seus olhos, faz com que pareça um touro prestes a atacar.

Tenho a impressão de que preciso permitir que ele mantenha imobilizado o policial superegóico/complementar que projetou em mim, sem tentar escondê-lo nem, menos ainda, interpretá-lo precocemente.

Eu lhe "entrego" o policial e deixo que fique sob o seu controle. O psicanalista se retira para os fundos do bar, sem que Lorenzo perceba isso com clareza. Ao mesmo tempo, começo a fazer com que o "garçom" trabalhe de modo discreto; ele pode estar precisando do garçom nesse momento em que está sendo perseguido.

Há alguns meses, teme estar sendo seguido pela polícia e ele mesmo se dá conta de que esse temor talvez seja excessivo, mas não consegue deixar de pensar nisso e, quando está na rua, vira-se sempre para trás para verificar.

É o que está fazendo comigo também nesse momento. Ele precisa de mim e ao mesmo tempo, como objeto parental separado, me detesta.

(Não sei muito mais do que isso sobre ele, mas isso eu sei, porque sinto).

Preciso me tornar menos parental e menos separado, mas não fora, dentro.

Os garçons fazem perguntas genéricas, perguntam se a pessoa está com sede, comentam se está fazendo calor ou frio, não pedem os documentos. Eu lhe pergunto como tem passado esses dias; é uma pergunta que qualquer um na rua pode fazer.

Ele diz que vai mal e por um instante tenho a impressão de que está um pouco menos preocupado comigo.

Expele ar pelo nariz e diz que faz dois meses que sente angústia quando entra no banheiro de casa, porque tem a obsessão de poder engravidar a mãe, se ela se sentar no vaso sanitário ou no bidê depois dele.

Esse pensamento o atormenta tanto que ele é obrigado a desinfetar os sanitários e, mesmo assim, não fica totalmente tranqüilo.

Fixa-me de novo com muita determinação e agressividade: não é que por acaso tenho em mente alguma coisa que não deveria ter em mente? Quem sou eu? Quem sou para ele? Acho que ele é louco?

Faço um comentário que o garçom faria, muito genérico: "Não deve ser nada fácil, com esse pensamento...".

O comentário é bobo o suficiente para não incomodá-lo e tenho a impressão de que está me achando menos perigoso.

Mais concentrado na sua obsessão do que em mim, diz que às vezes tem a impressão de que alguns pensamentos seus funcionam por conta própria e tem medo de enlouquecer.

Digo-lhe que, se quiser, pode voltar dali a dois dias. Ele pergunta a hora e eu digo.

Paga a cerveja e sai, no deserto.

Um ano depois

Lorenzo vem para as sessões duas vezes por semana, há seis meses, deita-se no divã (a pedido dele) e o clima das sessões é intensamente negativo, continuamente negativo, eu diria.

Foi um ano difícil, durante o qual mal suportou que eu falasse.

Lorenzo detesta profundamente qualquer tipo de autoridade, qualquer equivalente paterno, qualquer figura que ofenda ou limite a sua sensação de soberana e majestosa onipotência.

Fala do pai com afetuosa superioridade, considerando-o um falido, um bobo com um grande coração, mas sem nenhum recurso (e eu penso que estou interpretando bem o meu papel). O irmão mais velho, prático e esperto, saiu de casa há alguns anos, e é pouco mais do que um figurante, nas raras vezes em que se refere a ele.

Nunca fala da mãe.

Apesar de tudo, não falta a nenhuma sessão e eu penso que, de qualquer modo, isso é uma coisa boa.

A partir de pequenos sinais, é evidente que vir às sessões está se tornando uma função biológica natural, desde que não fique evidente a relação interpessoal que nos liga: ele não vem falar comigo, vem às sessões.

Dois anos depois

Faço-o notar que nunca fala da mãe. Ele corta na hora, bruscamente, dizendo que não tem a intenção de "dar motivos para que se pense mal", e que, de qualquer modo, nunca lhe vem em mente, porque não acha importante falar disso. Ao dizer isso, repete o tique da expiração forçada pelo nariz que já diminuíra há algum tempo.

Digo-lhe que falará disso quando quiser, mas que seria útil refletir sobre essa estranha ausência de referências. Ao dizer isso, sinto que estou saindo do pacto implícito: um garçom não tomaria a liberdade de fazer uma declaração desse tipo.

Ao contrário, estou com "toda a corda" e acrescento um comentário curioso, e insolitamente enigmático: "Me veio em mente – digo eu – que o único ponto de Paris de onde não se vê a Torre Eiffel... é a Torre Eiffel!...".

Percebo imediatamente que atuei, ainda que apenas verbalmente: Lorenzo intensifica o ar pelo nariz, senta-se no divã e me fixa nos olhos, com uma determinação impressionante. É miúdo, mas mete medo porque se percebe que em um momento como esse, não precisaria de muito para pular no meu pescoço. Dá a sensação de que pode passar facilmente para um ato criminoso.

Ele se contém, estende-se de novo e diz que posso pôr a Torre Eiffel naquele lugar. Compreendo que ele se sentiu, correspondentemente, invadido por trás e me pergunto o sentido do que aconteceu.

Reflito: por que será que eu, depois de dois anos de paciência e prudência, dois anos de serviços prestados lealmente como garçom, insisti em fazer-lhe o discurso sobre a Torre Eiffel, mesmo percebendo que ele não queria ouvi-lo? E por que senti um certo regozijo em propô-lo daquele modo, dando a representação dele, criança, tão fundido com a mãe, tão "nos braços" dela, a ponto de me fazer vir à mente um turista na Torre Eiffel?

Acredito que foi porque devo ter me cansado de me sentir castrado, relegado ao papel que ele e a mãe – dupla simbiótica onipotente – recortaram há muito tempo para o pai: um ex-zangão que se tornou inútil, ao qual só restam os espaguetes e a televisão como consolo.

Transferência e contratransferência parecem agora completamente complementares.

Duas semanas mais tarde, depois que a poeira abaixou, surgiu o fato de que Lorenzo fica na cama até tarde da manhã, masturba-se todos os dias entre os lençóis, sem se preocupar em recolher o esperma com papel ou lenços de papel; e que todos os dias a mãe, sem dizer uma palavra, troca os lençóis, em um contato tácito com a

sexualidade dele, o que para Lorenzo tem o significado de uma cumplicidade íntima e consolidada.

A agressividade e a arrogância de Lorenzo, a esse ponto, parecem proporcionais ao seu sentimento de culpa, de um lado, e, de outro, à sua pretensão narcísica de não ser molestado nem desalojado daquela simbiose.

Nas sessões seguintes, o sentimento de perseguição irá diminuindo, bem como ao constelação fóbico-obsessiva referente a engravidar a mãe no banheiro.

Quatro anos depois

Onde havia um bar no deserto, agora há um vilarejo que palpita com uma certa animação.

Lorenzo vem para a análise três vezes por semana, está prestando exames na universidade[1] e está começando a aceitar algumas interpretações minhas quanto a ter comprado a primeira bicicleta de sua vida, ousando utilizá-la até no meio do tráfego. Digo-lhe que está aceitando conviver com os outros em um terreno "público", fora da simbiose; que sente que as vias de sua mente estão mais fáceis de percorrer, e que talvez sinta que também a sua análise é mais "pública": nela, além do Lorenzo simbiótico-defensivo, estamos também eu (menos garçom e mais analista) e um Lorenzo reflexivo e capaz de se comunicar.

Ele aceita o que digo, do mesmo modo que há algum tempo passou a aceitar mais as palavras do pai e do irmão. Às vezes ele até os procura, descobrindo ter alguma curiosidade sobre eles.

Entramos, assim, na fase mais importante da história desse jovem: o afastamento da mãe.

O afastamento se concretiza quando ele aluga um mini-apartamento no qual põe à prova, corajosamente, a sua capacidade de estar só: uma experiência duríssima.

Pede-me ajuda, com um pedido consciente e declarado de aliança terapêutica. Sabe que vai ouvir o chamado violento das sereias fusionais e me faz lembrar Ulisses, que pede aos companheiros de viagem que o amarrem firmemente ao mastro da nave/análise.

Mesmo com o apoio das sessões e contido por elas, Lorenzo embate-se em angústias violentas, medos noturnos e contínuas tentações de abandonar a empreitada.

Telefona-me algumas vezes para dizer que está muito mal e, por umas duas semanas, temo que enlouqueça. Chego até a entrar em contato com um colega para uma eventual internação em hospital.

1. Na Itália, os estudantes universitários podem escolher, dentro de certos limites, o momento em que querem prestar seus exames. N. da T.

Na sessão, exprime o sofrimento, contraindo espasmodicamente os músculos do corpo todo e esticando-os, expelindo ar pelo nariz, como se tentasse expelir o próprio sofrimento, e mexendo a cabeça de um lado para outro.

Ao mesmo tempo, porém, consegue manter-se firme, e eu procuro ajudá-lo tentando descrever aquilo pelo que está passando, o modo em que a sua experiência é compreensível e faz sentido, e fazendo-o sentir que pode contar com minha proximidade e meu apoio.

O pai também está perto dele e vai encontrá-lo com freqüência, com cordialidade afetuosa.

Enfim, é preciso dizer que os amigos o ajudam muito, permitindo-lhe uma série de contatos e confrontos com o seu modo próprio de viver, reforçando o seu propósito de não desistir e de querer aprender a viver sozinho.

Depois de muitos meses, Lorenzo vence a batalha: as angústias diminuem progressivamente, ele se organiza cada vez melhor e, à medida que as águas se acalmam, começa realmente a falar – no quinto ano de análise – daquele objeto misterioso, inominável e intocável que é a mãe.

Para dizer a verdade, não há nada que já não se soubesse: surge o retrato de uma mulher um pouco paranóide, fanática pelo filho/falo, que teme que ele possa ser roubado e que tende a mantê-lo consigo em uma atmosfera de intimíssimo e visceral "não dito", que faz com que o afastamento dos dois seja sentido não como o afastamento entre duas pessoas adultas, e nem mesmo como o afastamento de um adulto de uma criança, e sim como a remoção de um órgão interno.

De fato, eu definiria essa separação, mais tarde, como uma operação cirúrgica.

Lorenzo supera bem essa operação, e depois de se concentrar por meses em sua ferida, abre-se novamente para o mundo com uma disponibilidade para fazer investimentos que era absolutamente impensável até aquele momento.

Conclusão

Não falarei da continuação dessa análise, que se tornou uma experiência muito tocante, ao acompanhar o rapaz pré-psicótico em um longo percurso rumo à individuação, à identidade adulta e à despedida.

Quero apenas concluir, voltando a refletir sobre as condições necessárias para poder começar esse percurso. Quero refletir sobre o "garçom" que não era integralmente um *selfobjeto*, mas que não era ainda um objeto separado, um genitor inteiro. Não era, portanto, nem um "outro *self*" completamente gemelar e indiferenciado, mas sim um pouco de todas essas condições misturadas ou alternadas, um auxiliar pouco ativo e nada invejável.

É como se em certas situações o analista precisasse parecer inofensivo, quase impotente, para não desmentir as ilusões de onipotência do sujeito, mas ao mesmo

tempo deixar entrever que possui algum vago recurso; para abrir uma brecha para a esperança secreta (clandestina, no regime ditatorial narcísico) de receber ajuda. Não deve ser muito indiferente para não causar inquietação nem, evidentemente, necessário demais para que não seja preciso livrar-se dele rapidamente. O analista precisa ser uma presença humilde e discreta, a espera de um reconhecimento que no começo não é sequer imaginável.

Esse *setting* externo e interno tão especial, esse "trabalho no deserto", pode parecer uma opção de vida estranha para os não analistas e um modo técnico de proceder dificilmente compreensível. Para nós, analistas, é uma condição não muito rara, na qual podemos viver como se fosse uma aventura graças até ao abastecimento fornecido pelas trocas científicas contínuas com os colegas, em nosso pequeno bar. ❐

A bar in the desert. Symmetric and assymetric aspects in the treatment of difficult adolescent patients

The author considers the opportunity of specific alternate moments of symmetric-asymmetric relationship (which are to be contained in a classic asymmetric frame) to facilitate analytical work, and to allow interpretations with an analysand who is usually afraid of dependence, hostile to the Super-Ego representatives, being in need of non declared containment and of a basic contribution to the Self cohesion, as the adolescent patient is.

The clinical story illustrates this specific way of working, quite different from the one commonly adopted in adult patients analysis.

For instance, the analyst must be able to temporarily renounce, sometimes for a long period, to too frequent and brilliant interpretations that would underline the adult's superiority, hard to be tolerated by the adolescent.

El bar en el desierto. Aspectos simétricos y asimétricos en el tratamiento de pacientes adolescentes difíciles

El autor considera la oportunidad de una alterancia adecuada de momentos de simetria y de asimetria en la relación analítica (a pesar, de precisar ser mantenida, dentro de un encuadre clásico de asimetria) para facilitar el trabajo y permitir interpretaciones con un analisando que, en general, está asustado con la dependencia, y hostil a los representantes super egoicos, tienen necesidad de una contención no declarada y de una contribuición de base para la coesión del self, como es el paciente adolescente.

La historia clínica narrada ilustra este modo específico de trabajar, bien diferente del modo comunmente adoptado en el análisis de pacientes adultos.

El analista precisa ser capaz, por ejemplo, a vezes por largos períodos, de renunciar a interpritaciones muy frequentes o brillantes que resaltarian la superioridad del adulto, cosa que un paciente adolescente dificilmente poderia tolerar.

Referências

BOLOGNINI S. (2001). Super-Io fisiologico e sue vicissitudini nell'adolescenza. Atos do Convegno Italo-Argentino *Insegnare e curare*, Pavia, 9/2/2001.

(2002). *L'empatia psicoanalitica*. Turim: Bollati Boringhieri.

BOSATO, C. 2001. L'adolescenza e la fine analisi: como concludere mentre se fonda un "identità". In: *Analisi terminabile e interminabile in adolescenza a cura di A M. Nicolò*. Franco Angeli Editori, p. 149-160.

CHETRIT-VATINE, V. (2003). Séduction originaire, responsabilité à l'autre et asymétrie dans la rencontre psychanalytique. *Bulletin EPF*, n. 57, p. 165-176.

CHIACONIA G. (2000). Discussione del lavoro di Novelletto, lido no Convegno Nazionale degli Osservatori e Gruppi di studio sulla Psicoanalisi del bambino e dell'adolescente, Pádua, Janeiro, 2000.

GOMEZ, P. (2004). L'interpretation et le cadre dans la nouvelle "pathologie du peremptoire dans la adolescence". Presentato al XLIII Congresso IPA "Working at frontiers". New Orleans, 2004.

GOMEZ, P., TEBALDI, R (2001). La interpretacion en el psicoanalisis de la adolescencia. Presentato al XLII Congresso IPA, Nizza, 2001.

JEAMMET, P. (2001). L'oggetto percepito, l'acted-out e la rappresentazione nel processo analitico. In: Nicolò, A. M. (org.). *Analisi terminabile e interminabile*. Milão: Franco Angeli .

LAUFER, E.,; BRONSTEIN, C.; FLANDERS S. (2001). Interruzione e terminazione dell'analisi di adolescenti attraverso le dinamiche del transfert. In *Analisi terminabile e interminabile in adolescenza*, organizado por A. M. Nicolò, Franco Angeli Ed., Milão.

LAUFER, M., LAUFER, E. (1984). *Adolescenza e breakdown evolutivo*. Trad. it..Turim: Boringhieri.

NICOLÒ, A. (2001). Conclusione elaborata, conclusione agita nel trattamento degli adolescenti. In *Analisi terminabile e interminabile in adolescenza*, organizado por A. M. Nicolò, Franco Angeli Ed., Milão.

NOVICK, J. & NOVICK, K. (1992). Interruzione del trattamento in adolescenza. *Adolescenza*, p. 3-11.

RUGGIERO, I. (2002). *Tra interruzione e conclusione: alcune peculiarità della fine delle terapie psicoanalitiche nella prima adolescenza*. Gli Argonauti, 2002, p. 261-76.

WIDLÖCHER, D. (2003). La personne du psychanalyste et les processus d'empathie et de co-pensées. *Bulletin EPF*, n. 57, p. 89-96.

Tradução: Sonia Maria Scala Padalino.

Revisão: Ana Maria Stucchi Vannucchi e João Baptista N. F. França

Stefano Bolognini
Via Zamboni, n. 4
40125 Bologna, Itália

Cedido para publicação na Revista Brasileira de Psicanálise